

FNE pede ao ministro da Educação mais decisões e menos diagnósticos para o setor

tsf.pt/sociedade/artigo/fne-pede-ao-ministro-da-educacao-mais-decisoes-e-menos-diagnosticos-para-o-setor/18122447

Lusa

September 2, 2026



Sociedade

A Federação Nacional de Educação (FNE) pediu esta quarta-feira ao Governo decisões concretas para o setor, em vez de se insistir em diagnósticos que se repetem, sem melhorias para o ensino, profissionais e estudantes.

"Se a educação é verdadeiramente uma prioridade nacional, este tem de ser o ano em que essa prioridade se traduz em medidas concretas, capazes de produzir mudanças efetivas e de ser positivamente sentidas por quem todos os dias trabalha nas nossas escolas", refere a FNE, numa carta aberta enviada ao ministro da Educação, Ciência e Inovação, Fernando Alexandre.



A FNE diz-se disponível para "negociar e apresentar propostas responsáveis" com o ministro, mas alerta que o diálogo social não pode significar "uma sucessão interminável de reuniões"
Créditos: Leonel de Castro (arquivo)

A FNE considera que os principais problemas do setor estão identificados, mas **falta a "passagem dos diagnósticos às decisões"**.

"Os problemas estão identificados, estudados, quantificados e repetidos há anos em relatórios", também "sabemos que faltam professores, que o corpo docente envelheceu e a profissão perdeu atratividade, que existem escolas onde faltam assistentes operacionais, psicólogos, técnicos especializados e outros profissionais" e "sabemos que a **burocracia ocupa demasiado tempo**", com "sobrecarga de trabalho", a que se soma "a indisciplina e a violência", resume a FNE.

Portugal "não tem, de todo, um problema de diagnóstico na Educação. Tem um problema de decisão", lê-se na carta.

Os resultados de uma consulta nacional, que teve a participação da FNE, indicam que **95,3% dos professores afirmam gostar da profissão, mas 71% dizem que não incentivariam um jovem a escolher a carreira docente**.

Um total de 73% "consideram que a **carreira docente não é atrativa** e 91,1% entendem que a **remuneração não está ao nível das qualificações e competências que lhes são exigidas**, com 40% a apontarem dificuldades financeiras associadas às deslocações necessárias para trabalhar, ao mesmo tempo que 98,5% dizem-se com excesso de trabalho, lê-se ainda.

"A falta de professores não começa quando uma sala de aula fica sem docente. Começa muito antes, quando uma profissão deixa de ser suficientemente atrativa para ser escolhida", refere a FNE, pedindo investimento.

"Sabemos que tudo isto custa dinheiro, mas talvez tenhamos passado demasiado tempo a fazer a pergunta errada. **A verdadeira pergunta não é quanto custa investir na Educação, mas quanto custa ao país continuar a não o fazer**", salientam os professores.

A educação é "**uma das principais infraestruturas estratégicas de um país**", pelo que é preciso "confrontar uma contradição que atravessa há demasiado tempo o discurso político português", em que todos dizem que o setor é uma prioridade, mas, depois, pouco é feito.

Na carta, a **FNE diz-se disponível para "negociar e apresentar propostas responsáveis, exequíveis e capazes de conciliar a valorização dos profissionais com a sustentabilidade das políticas públicas"**, mas o diálogo social não pode significar "uma sucessão interminável de reuniões, calendários negociais, documentos e intenções sem tradução concreta na vida das pessoas".

Para a estrutura sindical, "negociar tem de **servir para decidir** e decidir tem de servir para mudar e implementar", indicam ainda.